



Adeus, Dom Antonio!

Foto: Caio César

*“Para que todos
sejam um”*

* 10/06/1926
+ 28/02/2017

págs. 4 e 5

PALAVRA DO ARCEBISPO



**Dom Washington
Cruz relata trajetória
de Dom Antonio**

pág. 2

FIQUE POR DENTRO



**CF-2017 é apresentada
em missa na
Catedral**

pág. 4

QUARESMA



**Tempo quaresmal
e a valorização
do próximo**

pág. 6

OBRIGADO, DOM ANTONIO



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

“Typous tou Patrós”. Com essa expressão Santo Inácio de Antioquia define a essência da plenitude do ministério ordenado que o bispo exerce: a imagem viva de Deus Pai. Como reza a liturgia da Igreja: “Pastor Eterno, vós não abandonais o rebanho, mas o guardais constantemente pela proteção dos Apóstolos”. E assim a Igreja é conduzida pelos mesmos pastores que pusestes à sua frente como representantes do Vosso Filho, Jesus Cristo, Senhor Nosso”

(MR, Prefácio dos Apóstolos, I)

Com essa ação de graças a Deus, por Cristo, Pastor e Mestre, é que, como corpo místico do Ressuscitado, a Igreja se alegra com a celebração da vida e da longevidade de seus pastores sagrados. Porque dentro da vocação e da missão de cada um deles, vê-se realizar concretamente o sentido profético de suas vidas segundo o querer de Deus: “Antes de formar-te no ventre materno, eu te conheci; antes de saíres do seio de tua mãe, eu te consagrei e te fiz profeta das nações. Vamos, põe a roupa

e o cinto, levanta-te e comunica-lhes tudo que eu te mandar dizer: não tenhas medo, senão eu te farei tremer na presença deles” (Jr 1.4-5).

Assim revelou-se a trajetória de Dom Antonio, primeiro bispo auxiliar da Arquidiocese de Goiânia e seu segundo arcebispo. Nascido em 10 de junho de 1926, completou, em 2016, 90 anos de vida. Dotado de uma lucidez que impressiona, Dom Antonio armazenava uma memória rica de tantos e tantos acontecimentos que marcaram sua vida e ministério. E de tantos quanto os cercaram ao longo de sua história.

Como bispo auxiliar, aqui estive nos duros anos do regime militar, cooperando com Dom Fernando no pastoreio da Arquidiocese. Daqui, foi escolhido pelo papa Paulo VI para assumir os encargos de administração das Dioceses de Goiás e de Ipameri. Em 1985, com o falecimento de Dom Fernando Gomes dos Santos, São João Paulo II o nomeia arcebispo de Goiânia. Aqui permaneceu presidindo a unidade da Igreja até a renúncia pronunciada em 8 de maio de 2002.

Tanto no primeiro período que aqui estive, como na função arqui-episcopal no segundo período, o profetismo foi algo marcante na vida de Dom Antonio. Imensos eram os desafios sociais e pastorais que o segundo arcebispo da nossa Arquidiocese teve de assumir. O pastoreio de Dom Antonio fez-se sentir de modo profético nas duras realidades vividas pelo nosso povo nas periferias da grande Goiânia e nas realidades



Foto: Caio Cezar

sofridas das cidades do interior que compõem nossa Arquidiocese.

Uma grande identidade marca o pastoreio de Dom Antonio que entenece a todos os que até hoje o escutaram falar: sua participação como padre conciliar. O Concílio Vaticano II teve e tem em Dom Antonio um vigoroso e profundo propagador. Além da história das sessões conciliares das quais tomou parte e que as traz vivas na memória, a eclesiologia do Vaticano II assinala de modo profundo o senso de Igreja que nosso arcebispo emérito trouxe em seu coração. Certamente, o coração de Dom Antonio se alegrou ao celebrar o cinquentenário do conjunto dos documentos conciliares que tanto marcaram seu modo de viver a fé eclesial, de assumir seu sacerdócio e de exercer o rico ministério episcopal do qual foi revestido no dia 29 de outubro de 1961, em nossa Catedral.

Não obstante suas limitações de saúde nos últimos anos, Dom Anto-

nio continuava deixando o testemunho da perseverança no ministério e do entusiasmo em meio às dificuldades naturais que o tempo trazia para a vitalidade física. Seu vigor espiritual permanecia estimulando a tantos a responderem também com vigoroso “sim” ao chamado vocacional que Cristo Sacerdote continua a pronunciar em toda a Igreja para que outros jovens também respondam com vigor e entusiasmo à vocação sacerdotal para a qual foram assinalados.

Especial devoto de Nossa Senhora Auxiliadora, o nosso arcebispo emérito trazia em seu coração de pastor um carinho profundo à Mãe do Salvador. Com a passagem de Dom Antonio, neste dia 28 de fevereiro de 2017, a Igreja não chora, mas agradece com júbilo a Deus pela rica presença e contribuição pastoral e teológica que ele deu, incansavelmente, para a caminhada da Arquidiocese de Goiânia.

Dom Antonio, companheiro de jornada

Conheci Dom Antonio no longínquo ano de 1936, no Seminário Preparatório “Jesus Adolescente”, em Bonfim, hoje Silvânia. Ele com dez e eu com oito anos de idade. Juntos, percorremos todos os anos de nossa formação sacerdotal: o Ginásio, no Seminário Santa Cruz, em Silvânia, e no Menor, de Mariana (MG). O curso superior de Filosofia e Teologia nós fizemos no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo, e Seminário Maior São José, em Mariana.

Depois de ordenados padres, fomos trabalhar juntos no Seminário Santa Cruz, em Silvânia. Com a morte de Dom Emanuel, em 1955, ficamos muito perto de Dom Abel, administrador da Arquidiocese. Nós fizemos ainda parte do Conselho de Consultores, com reuniões em Goiânia, Silvânia, Pirenópolis e Ipameri. Com a chegada de Dom Fernando, Dom Antonio assumiu a paróquia da Catedral e logo depois foi nomeado vigário geral da Arquidiocese e, em seguida, bispo auxiliar, em 1961. No ano seguinte Dom Fernando me convocou para a Cúria, como chanceler e secretário da Arquidiocese, e eu voltei à companhia de

Dom Antonio até 1975. Em 1976, ele me convidou para o seu novo ministério em Ipameri, onde eu fiquei por seis anos, ajudando na Cúria e na Catedral.

Quando Dom Antonio voltou para Goiânia como seu 2º arcebispo, mais uma vez fui chamado à Cúria, onde permaneci durante todo tempo do seu pastoreio. Nessas minhas desalinhadas palavras escritas, eu procurei mostrar que, realmente, eu tive a honra de conhecer muito bem o querido amigo e irmão. E procurei mostrar também como sempre estive ao seu lado no bemérito serviço à Diocese de Goiás, à Diocese de Ipameri e à Arquidiocese de Goiânia. Essa foi a grande lição para a minha vida de padre, que me passou o Sr. Arcebispo Dom Antonio: servir. Para nós, padres, ser ministros de Deus é fundamental. Se perdemos o sentido do serviço, perdemos, também, o sentido de nossa consagração sacerdotal. Dom Antonio: *Prosit*. Saudades eternas desse velho irmão, companheiro de jornada.

Monsenhor Nelson Rafael Fleury, Vigário da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora (Catedral)

Editorial

Dom Antonio, no alto dos seus 90 anos de idade, exercia o seu ministério pelo testemunho de vida. A missão pastoral já havia terminado, há 15 anos, quando renunciou por motivo de idade (75 anos), em 2002, e entregou o báculo a Dom Washington Cruz, mas ele continuava presidindo missas, ministrando confissões, orientando as pessoas, pregando retiros. “A beleza do voltar a ser um simples padre”, como bem disse em entrevista durante as celebrações dos seus 90 anos, estava firme. Por tudo isso, Deus, com

seus projetos, o levou para os seus braços.

Para nós foi uma partida repentina. Poderia ter havido mais tempo para despedidas, mas a morada de Dom Antonio estava preparada há tempos e, conforme disse Dom Washington em sua homília durante uma das missas de corpo de corpo que presidiu, fazia tempo que Dom Antonio também já estava muito bem preparado para definitivamente se encontrar com Deus.

Boa leitura!



Foto: Arquivo VCOM

“Eu tive a graça de nascer em uma família cristã em que a fé era quase palpável. Eu costumo dizer que o Deus de minha mãe a gente quase que podia sentir o carinho” (Dom Antonio)



DATAS COMEMORATIVAS

7/3: Dia Nacional da Advocacia Pública e do Fuzileiro Naval
8/3: Dia Internacional da Mulher / 10/3: Dia Mundial de Combate ao Sedentarismo
12/3: Dia do Bibliotecário



Campanha da Fraternidade é aberta na Quarta-feira de Cinzas

Tema com foco na preservação ambiental é um impulso para a vivência intensa do tempo quaresmal, que teve início no dia 1º de março

ELIANE BORGES

A Campanha da Fraternidade de 2017 tem como tema “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida” e como lema “Cultivar e guardar a criação” (Gn 2,15). Promovida em âmbito nacional desde 1964 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a CF é lançada sempre na Quarta-feira de Cinzas, dia que marca o início da Quaresma: tempo de conversão, jejum e penitência. Nesse período, os cristãos são chamados a rezar pela própria conversão e a refletir sobre seu papel no círculo de convívio próximo e também na sociedade.

O objetivo principal da Campanha neste ano, segundo o Texto-Base que orienta as ações, é “despertar a consciência do cuidado com a criação, de modo especial dos biomas brasileiros, dons de Deus, e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho”.

A escolha do tema tem como referência e diretriz a Carta Encíclica escrita pelo papa Francisco, *Laudato Si’, Sobre o cuidado da casa comum*, lançada em 2015. Ela ressalta a necessidade de uma “conversão ecológica”, ou seja, a consciência da responsabilidade de todos com a vida do planeta.

Em Goiânia

Na Arquidiocese, a abertura da Campanha da Fraternidade deste ano estava prevista para ocorrer no dia 1º de março, no Memorial do Cerrado (PUC Goiás), mas foi cancelada em decorrência do falecimento de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, um dia antes. Então, na celebração da Quarta-feira de Cinzas realizada na Catedral, no dia 1º, às 19h, o arcebispo Dom Washington Cruz apresentou o tema da CF aos fiéis. Ele explicou por que a CF é fundamental para a boa vivência do tempo quaresmal. “É preciso que os apelos à conversão e às mudanças de atitude com a natureza sejam



Bênção das cinzas

traduzidos em gestos concretos de autêntica defesa dos biomas e da vida como um todo. A solidariedade precisa ser expressa nas atitudes particulares e comunitárias em defesa do meio ambiente, mas também na intransigente ação política que corajosamente assegure o pleno desenvolvimento embasado no respeito aos biomas e ao ecossistema. Sem essas atitudes pessoais, comunitárias e governamentais, a criação sofrerá mais ainda as dores da ganância desmedida”. Para Dom Washington, “a CF pode se tornar um

momento fecundo para a tomada positiva de atitude geral em prol da casa comum e dos biomas que compõem a rica biodiversidade ecológica com que o criador proveu o solo onde vivemos”.

A Arquidiocese de Goiânia suscitará reflexões e ações voltadas especialmente para o bioma Cerrado, realidade em que nos inserimos de forma mais direta. A PUC Goiás será parceira da Arquidiocese nessas ações, por meio de uma programação gratuita, que será divulgada em breve.



Assim a gente
transforma
o mundo

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Integral

ateneudombosco.com.br





Igreja de Goiânia se de

FÚLVIO COSTA

Uma série de homenagens se sucederam na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora (Catedral), a partir da noite de 28 de fevereiro, dia em que faleceu o arcebispo emérito de Goiânia, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, 90 anos. Ele veio a óbito logo após ter um infarto fulminante, por volta das 16h daquele dia, quando passava o feriado de carnaval na casa de amigos e parentes, no Setor Goiânia 2. O Corpo de Bombeiros tentou reanimá-lo, mas ele não resistiu. Segundo o pároco da Catedral, mons. Daniel Lagni, Dom Antonio já havia tido um infarto na semana anterior.

O bispo auxiliar de Goiânia, Dom Levi Bonatto, celebrou a primeira missa de corpo presente, que foi concelebrada pelo também auxiliar Dom Moacir Arantes, na noite chuvosa daquele fatídico 28 de fevereiro, na Catedral. Refletindo sobre o prefácio dos defuntos, “Senhor, para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada”, Dom Levi lembrou de Madre Teresa de Calcutá, que certa vez disse que a vida era apenas uma mudança de casa, no entanto, ele declarou que “a Igreja não deixa de sentir o vazio, a dor e a fragilidade por perder um filho tão nobre como Dom Antonio Ribeiro de Oliveira”. Dom Levi ressaltou que compensa tudo isso saber que um dia todos serão recebidos no céu por Nossa Senhora. Ainda conforme o bispo auxiliar, foi marcante, nos dois anos de convivência com Dom Antonio, vê-lo sempre rezando sozinho, aos pés do Santíssimo, na Capela de sua casa, pelas necessidades da Igreja, povo de Deus.

Dom Washington Cruz, arcebispo metropolitano que sucedeu a Dom Antonio em 2002, por ocasião da renúncia deste que foi arcebispo de Goiânia por 16 anos (1986-2002), presidiu a missa de corpo presente às 10h da manhã da Quarta-feira de Cinzas, dia 1º de março. Sereno no olhar e no semblante, ele se ateu a comentar a fé do seu antecessor. “Dom Antonio era um homem de

uma fé que vem de berço. Era uma fé simples herdada dos seus pais que sempre viveram em Orizona (GO). Dom Antonio nunca estudou fora do país e jamais fez cursos especiais, no entanto, sua sabedoria era superior à de muitos prelados da Igreja. Entendia de política, de educação, das coisas do mundo, mas era pequeno, fazendo jus à palavra de Deus: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25).

Com relação à passagem de Dom Antonio, Dom Washington disse que todos passam pelo mistério Pascal e exortou que “ai daqueles que não passam”. O arcebispo explicou que as coisas deste mundo não satisfazem nosso coração, por isso ficamos inquietos até o encontro pessoal com Deus. Segundo ele, foi o que aconteceu com o seu antecessor. “Dom Antonio estava muito inquieto ultimamente, pois sabia que se aproximava o seu encontro com o Senhor. Na vida, passamos por tantos fardos, mas Jesus nos diz que nos dará o descanso e a paz. Estar em paz com Deus significa estar na sua amizade e ele estava assim: muito preparado para o seu encontro definitivo com o Senhor”, afirmou.

Diversas outras missas foram presididas ao longo do dia 1º de março, em homenagem a Dom Antonio. O sucessor dele na Diocese de Ipameri (GO), Dom Guilherme Antônio Werlang, presidiu a missa das 13h. Entrevistado, ele disse que aquela Igreja particular da qual Dom Antonio foi bispo diocesano por dez anos (1976-1986) tem um sentimento duplo pela passagem do irmão no episcopado. “É um sentimento difícil de expressar. De um modo, sentimos a dor, o vazio, a perda, porque ele irá fazer falta para todos nós. De outro, é um louvor a Deus, uma ação de graças por tudo aquilo que Dom Antonio viveu, testemunhou com sua fé autêntica e por tudo que fez em defesa dos mais pobres”, disse.

Padre Alaor Rodrigues, amigo pessoal de Dom Antonio, autor de dois livros sobre o emérito e que



está a preparar mais um, disse em poucas palavras que Dom Antonio foi um homem de profundo amor pela Igreja, de modo especial pelos pobres. “Ele tinha muita sensibilidade para ouvir as pessoas, entrar no mundo delas e trazer este mundo para a luz do Evangelho. Muitos padres o procuravam para ouvi-lo, pedir conselhos. Foi um homem que bebeu do Concílio Vaticano II e colocou suas orientações em prática”, destacou.

Na dimensão educacional, Dom Antonio teve forte influência em Goiás. Conforme a vice-reitora da PUC Goiás, Olga Ronch, foi ele quem deu início ao processo de revisão e reestruturação da universidade. Entre outros marcos de atuação dele, segundo Ronch, está o reforço da identidade como instituição católica e comunitária, comprometida

com os mais excluídos. “A PUC tem a marca da inclusão desde sua origem, mas, com Dom Antônio, fortaleceu o compromisso com a cidadania e a construção de um país justo. Além de nosso pastor, foi pai dos pobres, dos excluídos da nossa Arquidiocese”, sublinhou.

Durante as homenagens, a simplicidade de Dom Antonio foi refletida com a presença de dois de seus três irmãos ainda vivos: Afonso Ribeiro de Oliveira, 84 anos, e irmã Terezinha Ribeiro de Oliveira, 88 anos. Ela, que é fundadora do Carmelo da Santíssima Trindade e da Imaculada Conceição, de Trindade (GO), até sorriu ao falar da infância e da convivência com Dom Antonio. “Ele me ligou a última vez no sábado (25 de fevereiro) e perguntou o que eu estava fazendo, e eu respondi que estava rezando muito e ele brincou

Espaços Planejados. com instalações modernas e confortáveis...

O Colégio Agostiniano possui três Unidades:

- Unidade I – Educação Infantil e Ensino Fundamental I
- Unidade II – Ensino Fundamental II
- Unidade III – Ensino Médio

Ensino integral e regular

Educação Infantil

Infantil I, II e III

Ensino Fundamental

1º ao 5º ano

Ensino Médio

1º, 2º e 3º séries



Colégio Agostiniano
Nossa Senhora de Fátima



Av. K, nº 108, St. Aeroporto
Goiânia/GO



62 3213 3022



www.agostiniano.com



colégioagostiniano@hotmail.com



Colégio Agostiniano



Colégio Agostiniano

spede de Dom Antonio



a de 15 mil pessoas participaram das celebrações fúnebres

Foto: Rudger Remigio

e concelebrada pelos bispos auxiliares, Dom Levi e Dom Moacir, e por vários bispos do Regional Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal) e de outros regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), além do Clero Arquidiocesano e Religioso e de outras dioceses. Dom Washington dedicou sua homilia a agradecer pela unidade que Dom Antonio tanto semeou e pela pastoral engajada que ele disseminou durante os 16 anos em que esteve à frente da Arquidiocese. “Agradecemos seu empenho pelo esforço e grande amor a Jesus e à Igreja. Durante seu ministério enfrentou imensos desafios sociais e pastorais, por isso seu pastoreio foi profético nas duras realidades das periferias de Goiânia e das cidades do interior. Enquanto ainda ressoam os festejos da comemoração dos 90 anos de Dom Antonio, nos convocam para esta celebração eucarística, mistério de amor do nosso querido irmão. Nosso coração sofre, de certa forma, pela falta da sua aparência física, mas a fé projeta sobre nossa dor a luz serena da salvação”, afirmou. Dom Washington pediu que nenhum cristão veja a morte como uma parede intrans-

ponível, mas como um horizonte de esperança”.

Às 10h50, os sinos da Catedral badalaram intermitentemente anunciando a encomendação do corpo de Dom Antonio. Logo após esse rito, os bispos, padres e diáconos e seminaristas saíram em procissão ao redor da Praça Dom Emanuel para em seguida acontecer o sepultamento na cripta da Catedral, ao lado do único arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, e do primeiro arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, aos pés de Nossa Senhora Auxiliadora. Ao todo foram celebradas nove missas, entre os dias 28 de fevereiro e 2 de março. Passaram pela Catedral, durante esses dias, cerca de 15 mil pessoas.

Em agenda de trabalho na Arábia Saudita, o governador de Goiás, Marconi Perillo, e a primeira-dama, Valéria Perillo, enviaram mensagem de pesar, que foi lida, logo após a missa, pelo secretário de governo, Tayrone de Martino. No texto, eles expressaram que Dom Antonio foi um conselheiro da família em todas as horas e lamentaram não estarem presentes nas homenagens finais dedicadas a ele.

Homenagens

O Santo Padre, por meio de telegrama enviado pelo secretário de Estado do Vaticano, cardeal Pietro Parolin, concedeu sua bênção apostólica a todos os que participaram das celebrações das exéquias de Dom Antonio. Ele ainda exprimiu sentidas condolências e a quantos se beneficiaram do pastoreio do arcebispo emérito.

O núncio apostólico, Dom Giovanni d’Aniello também enviou telegrama manifestando sentimentos de fraterna estima e consideração no Senhor.

Em nota, a CNBB lembrou o longo itinerário de vida e de serviço de Dom Antonio a serviço da Igreja, de modo especial ao participar da quarta seção do Concílio Vaticano II e do seu “extenso projeto pastoral de grande alcance social”.

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), Regional Goiânia, também enviou mensagem em que expressa sentimentos pelo falecimento do arcebispo emérito. “Para nós, a partida de Dom Antonio significa uma grande perda, porém temos a certeza de que ele cumpriu com fidelidade e profecia a missão de pastor que Deus lhe confiou e, agora, goza da feliz Ressurreição na Casa do Pai”, diz um trecho. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) lembrou que o emérito foi um firme e fiel apoiador das ações desta comissão desde a sua criação, além de ter sido “um grande promotor e animador das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”.

O arcebispo emérito de Campo Grande (MS), Dom Vitório Pavanello, também enviou carta de pesar pelo falecimento, lembrando que Dom Antonio sempre se preocupou com mais pobres. O bispo de Patos de Minas (MG), Dom Claudio Nori Sturm, que pregou no retiro do Clero da Arquidiocese de Goiânia, nos dias 20 a 24 de fevereiro, enviou mensagem em que manifestou seus sentimentos pela passagem do nosso arcebispo emérito.



Foto: Rudger Remigio

dizendo que estávamos aproveitando nossa velhice”, relatou. Irmã Teresinha lembrou também, durante entrevista, que Dom Antonio, quando criança, sempre foi muito bom, respeitoso com os pais, irmãos e todas as pessoas. Essas virtudes, a carmelita faz questão de dizer que foi herdada dos pais. Já o Sr. Afonso via o irmão como um pai, sempre disponível e presente na vida da família. A irmã salesiana Maria Luiza, 95 anos, que mora em Anápolis, não pôde participar das homenagens, por conta da saúde frágil.

Sepultamento

Na quinta-feira (2), cerca de 2,5 mil pessoas participaram da solene celebração das Exéquias de Dom Antonio, às 9h. A missa foi presidida pelo arcebispo Dom Washington



Centenário da aparição em Fátima
com a presença confirmada do PAPA.

Fátima, Lisboa, Paris, Lisieux e Lourdes

Pacote Completo incluindo trechos aéreos na Europa

Saída 09/05/2017

Boa viagem
turismo

62 3092 6191 / 98454 8488
www.boaviagemgyn.com.br

Peregrinações Religiosas:
Terra Santa, Santuários Marianos, Santuários Italianos, etc...

Personalizamos a viagem do seu grupo, fale conosco!

Boa viagem
turismo

62 3092 6191 / 98454 8488
www.boaviagemgyn.com.br



Dom Antonio Ribeiro de Oliveira: luminoso exemplo



MONS. ALDORANDO MENDES
Vigário da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora (Catedral)

A pontando o dedinho para o crucifixo na parede de sua casa – na Fazenda Pontinhas – Orizona (GO), ele, o pequenino Antonio, ainda nos braços de sua santa mãe Dona Luiza – perguntou-lhe: “quem é ele?”. E Dona Luiza, com a firmeza reveladora de sua profunda fé e de seu esposo, Senhor José Ribeiro, e de toda a família, respondeu: “Aquele é o bom Pai do Céu. É o bom Deus. É Jesus!”. Foi ali, de pequenino, nos braços de sua mãe, que Dom Antonio começou a longa trajetória de fascinação, de encantamento e de

intimidade com Jesus, o Filho de Deus.

Dom Antonio exemplificava assim de modo vivo, concreto, o que estava pregando ali para os casais – do Encontro de Casais da Catedral: “É a família, a primeira Educadora da Fé. É no seio da família cristã que devem acontecer as primeiras experiências de fé, de Deus. É na família que se tem intimidade com Deus – que se inicia a transmissão da fé... É sobre os joelhos de papai-mamãe que rezam, que se experimenta a grandeza da fé, do amor da intimidade com Deus-Amor. É na família – o fundamental laboratório criado por Deus, que se aprende, aqui na terra, por antecipação, a vida futura do Paraíso.

“É Deus-Amor – que conhece a família, que a planejou como uma obra-prima do amor, símbolo, modelo de todos os seus outros desígnios, é com o amor que Ele poderá curar de novo as chagas da família hoje”.

No ano de 1948, com colegas do Seminário Menor Santa Cruz, de

Silvânia, tive a grande alegria de vir participar do grandioso evento eclesial que aconteceu em Goiânia: o Congresso Eucarístico. Eu, com 12 anos, cursando a 2ª série do ginásio. Foi aí que vi pela primeira vez o subdiácono Antonio Ribeiro. Ele, no altar monumento servindo no solene pontifical presidido por Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. Foi então que exclamei: “Nossa!... Como ele é alto!”.

Em 1949, alguns do Seminário Santa Cruz fomos transferidos para o Seminário Menor de Mariana (MG). Foi lá que, aos 2 de abril, na Sé Catedral, tive a alegria indelével de participar da solene celebração de sua ordenação presbiteral. Eu tinha o olhar sempre fixo nele, pois “era nosso... de Goiás”. Comentei: “Nossa!... Parece um Santo!”.

Anos mais tarde, retorno ao Seminário Santa Cruz em Silvânia – tendo-o como reitor e professor de Teologia e Espiritualidade. Eu o avaliava com positivo orgulho: “Nossa!... que memória e inteligência privilegiadas!...e que sabedoria incrível!”.

Apreciando a apaixonada e dinâmica participação dele em quase todas as modalidades de esportes, sobretudo no futebol... (“sai da frente!”...), eu concluí: “Nossa!...

como é veloz... atlético!”.

Ouvindo suas inflamadas e sólidas pregações aos seminaristas, aos colegas, aos padres, aos diocesanos – aos casais nos frequentes Encontros de Casais que eu seguia pela Pastoral Familiar, eu me confirmava: “Nossa!... Que bela e profunda intimidade ele tem com Deus!...”.

O tempo correu... e ele na Diocese de Ipameri sofre o acidente que lhe trouxe as consequências sérias na sua saúde. Precisou então de bengala, de andador, de cadeira de rodas, mas sempre movendo-se com serenidade e profunda paz interior. Paz de quem bem entende de cruz, paz de quem está familiarizado com Cristo na Cruz. Então, eu o contemplo nesta situação e confirmo para mim mesmo: “Nossa!... como ele entende da arte de carregar a Cruz de Cristo e como Cristo!”.

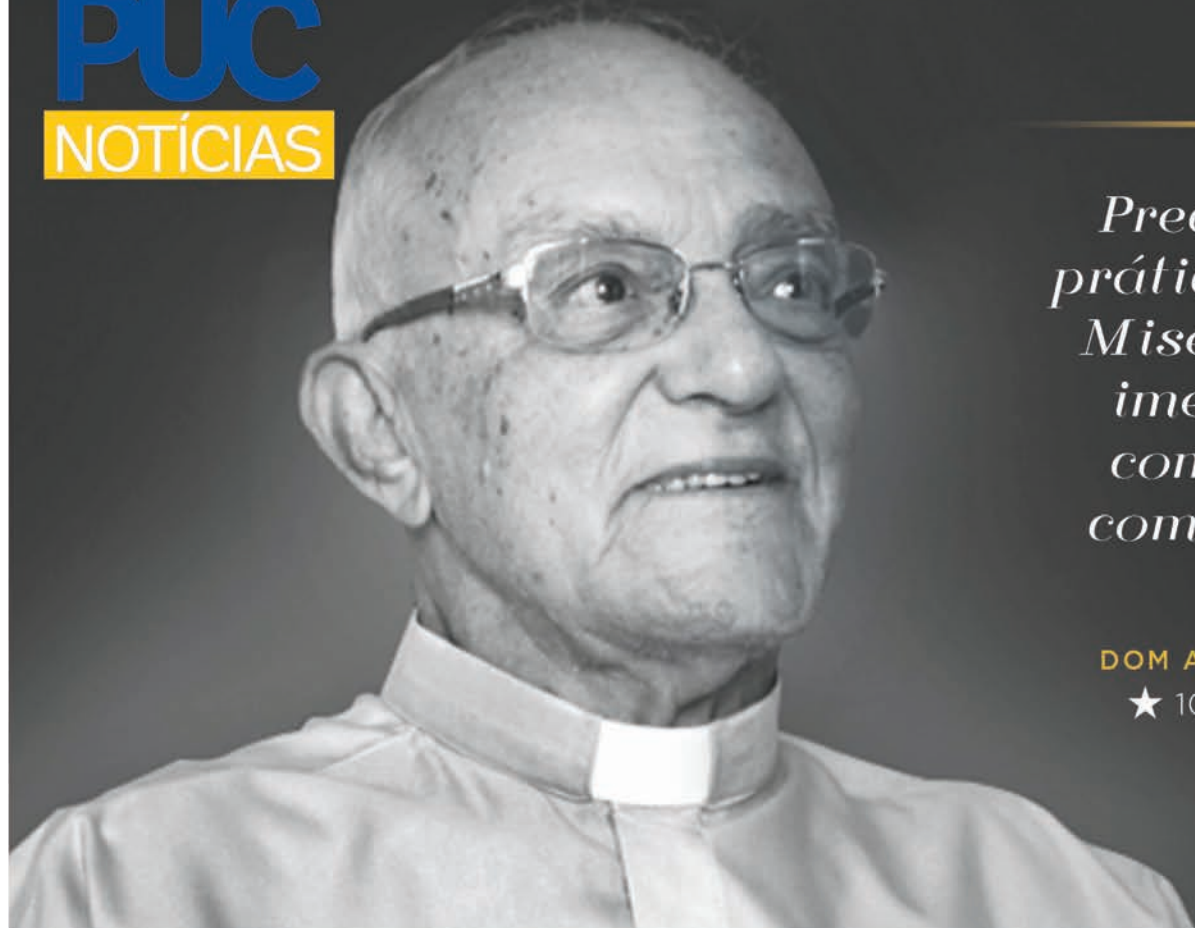
Então, vejo-o como um mestre que continua sempre nos ensinando com autoridade, pois não precisa de muitas palavras. Continua ensinando com a vida... e finalmente posso afirmar com a mais profunda convicção: “Nossa!... ele é de fato um gigante da santidade!”

Por tantas e tão preciosas lições, um grande obrigado, Dom Antonio!

(Republicação - Edição 107 deste jornal)

“Vejo-o como um mestre que continua sempre nos ensinando com autoridade, pois não precisa de muitas palavras. Continua ensinando com a vida”

PUC
NOTÍCIAS



“
Precisamos repetir a
prática da misericórdia.
Misericórdia gratuita,
imensa, inesgotável,
como nas primeiras
comunidades cristãs.”

DOM ANTONIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

★ 10/06/1926

† 28/02/2017



Quaresma:

tempo propício para reconhecer no outro o rosto de Cristo

Amados irmãos e irmãs!

A Quaresma é um novo começo, uma estrada que leva a um destino seguro: a Páscoa de Ressurreição, a vitória de Cristo sobre a morte. E esse tempo não cessa de nos dirigir um forte convite à conversão: o cristão é chamado a voltar para Deus “de todo o coração” (Jl 2,12), não se contentando com uma vida medíocre, mas crescendo na amizade do Senhor. Jesus é o amigo fiel que nunca nos abandona, pois, mesmo quando pecamos, espera pacientemente pelo nosso regresso a Ele e, com essa espera, manifesta a sua vontade de perdão (cf. Homilia na Santa Missa, 8 de janeiro de 2016).

A Quaresma é o momento favorável para intensificarmos a vida espiritual através dos meios santos que a Igreja nos propõe: o jejum, a oração e a esmola. Na base de tudo isso, porém, está a Palavra de Deus, que somos convidados a ouvir e meditar com maior assiduidade neste tempo. Aqui queria deter-me, em particular, na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16,19-31). Deixemo-nos inspirar por essa página tão significativa, que nos dá a chave para compreender como temos de agir para alcançarmos a verdadeira felicidade e a vida eterna, incitando-nos a uma sincera conversão.

1. O outro é um dom

A parábola inicia com a apresentação dos dois personagens principais, mas quem aparece descrito de forma mais detalhada é o pobre: encontra-se numa condição desesperada e sem forças para erguer-se, jaz à porta do rico na esperança de comer as migalhas que caem da mesa dele, tem o corpo coberto de chagas, que os cães vêm lamber (cf. vv. 20-21). Enfim, o quadro é sombrio, com o homem degradado e humilhado.

A cena revela-se ainda mais dramática, quando se considera que o pobre se chama Lázaro, um nome muito promissor, pois significa, literalmente, “Deus ajuda”. Não se trata duma pessoa anônima; antes, tem traços muito concretos e aparece como um indivíduo a quem podemos atribuir uma história pessoal. Enquanto Lázaro é como que invisível para o rico, a nossos olhos aparece como um ser conhecido e quase de família, torna-se um rosto; e, como tal, é um dom, uma riqueza inestimável, um ser querido, amado, recordado por Deus, apesar da sua condição concreta ser a duma escória humana (cf. Homilia na Santa Missa, 8 de janeiro de 2016).

Lázaro ensina-nos que o outro é um dom. A justa relação com as pessoas consiste em reconhecer, com gratidão, o seu valor. O próprio pobre à porta do rico não é um empecilho fastidioso, mas um apelo a converter-se e mudar de vida. O primei-

ro convite que nos faz essa parábola é o de abrir a porta do nosso coração ao outro, porque cada pessoa é um dom, seja ela o nosso vizinho ou o pobre desconhecido. A Quaresma é um tempo propício para abrir a porta a cada necessitado e nele reconhecer o rosto de Cristo. Cada um de nós encontra-o no próprio caminho. Cada vida que se cruza conosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor. A Palavra de Deus ajuda-nos a abrir os olhos para acolher a vida e amá-la, sobretudo quando é frágil. Mas, para se poder fazer isso, é necessário tomar a sério também aquilo que o Evangelho nos revela a propósito do homem rico.

2. O pecado cega-nos

A parábola põe em evidência, sem piedade, as contradições em que vive o rico (cf. v. 19). Esse personagem, ao contrário do pobre Lázaro, não tem um nome, é qualificado apenas como “rico”. A sua opulên-



Foto: Arquivo

cia manifesta-se nas roupas, de um luxo exagerado, que usa. De fato, a púrpura era muito apreciada, mais do que a prata e o ouro, e por isso se reservava para os deuses (cf. Jr 10,9) e os reis (cf. Jz 8,26). O linho fino era um linho especial que ajudava a conferir à posição da pessoa um caráter quase sagrado.

Assim, a riqueza desse homem é excessiva, inclusive porque exibida habitualmente: “Fazia todos os dias esplêndidos banquetes” (v. 19). Entrevê-se nele, dramaticamente, a corrupção do pecado, que se realiza em três momentos sucessivos: o amor ao dinheiro, à vaidade e à soberba (cf. Homilia na Santa Missa, 20 de setembro de 2013).

O apóstolo Paulo diz que “a raiz de todos os males é a ganância do dinheiro” (1Tm 6,10). Esta é o motivo principal da corrupção e uma fonte de invejas, contendas e suspeitas. O dinheiro pode chegar a dominar-nos até ao ponto de se tornar um ídolo tirânico (cf. Exort. Ap. *Evangelii gaudium*, 55). Em vez de instrumento ao nosso dispor para fazer o bem e exercer a solidariedade com os outros, o dinheiro pode-nos subjugar, a nós e ao mundo inteiro, numa lógica egoísta que não deixa espaço ao amor e dificulta a paz.

Depois, a parábola mostra-nos que a ganância do rico fá-lo vaidoso. A sua personalidade vive de aparências, fazendo ver aos outros aquilo que se pode permitir. Mas a aparência serve de máscara para o seu vazio interior. A sua vida está prisioneira da exterioridade, da dimensão mais superficial e efêmera da existência (cf. *ibid.*, 62).

O degrau mais baixo desta deterioração moral é a soberba. O homem veste-se como se fosse um rei, simula a posição dum deus, esquecendo-se que é um simples mortal. Para o homem corrompido pelo amor das riquezas, nada mais existe além do próprio eu e, por isso, as pessoas que o rodeiam não caem sob a alçada do seu olhar. Assim, o fruto do apego ao dinheiro é uma espécie de cegueira: o rico não vê o pobre esfomeado, chagado e prostrado na sua humilhação.

Olhando para esta figura, compreende-se por que motivo o Evangelho é tão claro ao condenar o

agora nada se disse da sua relação com Deus. Com efeito, na sua vida, não havia lugar para Deus, sendo ele mesmo o seu único deus.

Só no meio dos tormentos do Além é que o rico reconhece Lázaro e queria que o pobre aliviasse os seus sofrimentos com um pouco de água. Os gestos solicitados a Lázaro são semelhantes aos que o rico poderia ter feito, mas nunca fez. Abraão, porém, explica-lhe: “Recebeste os teus bens na vida, enquanto Lázaro recebeu somente males. Agora, ele é consolado, enquanto tu és atormentado” (v. 25). No Além, restabelece-se uma certa equidade, e os males da vida são contrabalançados pelo bem.

Mas a parábola continua, apresentando uma mensagem para todos os cristãos. De fato, o rico, que ainda tem irmãos vivos, pede a Abraão que mande Lázaro avisá-los; mas Abraão respondeu: “Têm Moisés e os Profetas; que os ouça” (v. 29). E, à sucessiva objeção do rico, acrescenta: “Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos” (v. 31).

Deste modo se patenteia o verdadeiro problema do rico: a raiz dos seus males é não dar ouvidos à Palavra de Deus; isso levou-o a deixar de amar a Deus e, consequentemente, a desprezar o próximo. A Palavra de Deus é uma força viva, capaz de suscitar a conversão no coração dos homens e orientar de novo a pessoa para Deus. Fechar o coração ao dom de Deus que fala, tem como consequência fechar o coração ao dom do irmão.

Amados irmãos e irmãs, a Quaresma é o tempo favorável para nos renovarmos, encontrando Cristo vivo na sua Palavra, nos Sacramentos e no próximo. O Senhor – que, nos quarenta dias passados no deserto, venceu as ciladas do Tentador – indica-nos o caminho a seguir. Que o Espírito Santo nos guie na realização dum verdadeiro caminho de conversão, para redescobriremos o dom da Palavra de Deus, sermos purificados do pecado que nos cega e servirmos Cristo presente nos irmãos necessitados. Encorajo todos os fiéis a expressar essa renovação espiritual, inclusive participando nas Campanhas de Quaresma que muitos organismos eclesiais, em várias partes do mundo, promovem para fazer crescer a cultura do encontro na única família humana. Rezemos uns pelos outros para que, participando na vitória de Cristo, saibamos abrir as nossas portas ao frágil e ao pobre. Então poderemos viver e testemunhar em plenitude a alegria da Páscoa.

+ *Franciscus*

Vaticano, 18 de outubro de 2016.
Festa do Evangelista São Lucas

PE. DILMO FRANCO DE CAMPOS
Reitor do Seminário São João Maria Vianney

A transfiguração de Jesus

“Este é o meu Filho amado... ouvi-o.” (Mt 17,5b)

Os discípulos estão caminhando com Jesus para Jerusalém. A paixão, o sofrimento, a morte e a cruz estão cada vez mais próximos. Jesus quer fortalecer a fé dos discípulos para que eles não desfaleçam diante das provações que estão por vir. Mostra-se a eles na sua divindade para que o conheçam ainda mais, para que conhecendo o ame, e amando sejam capazes de segui-lo até o fim de suas vidas.

Jesus revela quem é Deus e isso é confirmado pela voz do próprio Pai que se faz ouvir. Alguma coisa muda no coração dos discípulos. Eles não saem dali do mesmo jeito. Tal situação deve repetir-se também na nossa vida de cristãos, quando vamos rezar por obrigação; quando participamos do terço na casa da vizinha para não desagradar, só por respeito humano. Se os discípulos subiram na “alta montanha”

para não desagradar Jesus, reclamando da íngreme subida, agora eles mesmos dizem: “Senhor, é bom estarmos aqui” (v. 4). É isso que deve acontecer também na nossa vida de cristãos. Já não estou mais aqui por obrigação; não me sacrifico mais reclamando, mas estou aqui e faço o que faço porque fui atraído por Ele.



Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a meditação: Mt 17,1-9 (página 1223 – Bíblia das Edições CNBB)

Passos para a leitura orante:

1. Escolha um lugar tranquilo e a melhor posição para rezar. Respire profundamente e faça o sinal da cruz com muita devoção. Invoque o auxílio do Espírito Santo.
2. Leia o texto uma ou duas vezes de maneira que a história fique impressa na sua mente.
3. Feche os olhos e imagine a cena do Evangelho passo a passo. Contemple a subida de Jesus para esta alta montanha. Sinta o esforço da subida, suba junto com eles. Escute o que eles iam conversando enquanto subiam e a respiração ofegante. Do alto da montanha, contemple a beleza do alcance da visão. Sinta-se extasiado por ter chegado com eles àquele lugar. Quem chegou primeiro? O que cada um fez quando chegou? Olhe para cada um dos discípulos. Coloque os seus olhos em Jesus e veja os detalhes do seu semblante, o suor no rosto, os olhos. Contemple o Mestre se transfigurando e comece a rezar repetindo: “É bom estar aqui”.
4. Por último, escreva no seu diário o que mais tocou você nessa contemplação e faça também uma oração de agradecimento a Deus.

(Ano A, 2º Domingo da Quaresma. Leituras: Gn 12,1-4a; Sl 32 (33); 2Tm 1,8b-10; Mt 17,1-9)



ESPAÇO CULTURAL

Biografia de Dom Antonio foi publicada na comemoração dos seus 90 anos

Em junho de 2016, quando comemorou-se os 90 anos de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) publicou uma obra biográfica sobre o arcebispo emérito da Arquidiocese de Goiânia, que faleceu no último dia 28 de fevereiro.

A publicação, intitulada "Dom Antonio Ribeiro de Oliveira - Noventa Anos", foi organizada pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) da PUC, tendo à frente o historiador Antônio César Caldas Pinheiro. A apresentação é do nosso arcebispo metropolitano, Dom Washington Cruz.

Além da biografia, com fotos históricas, a obra traz discursos proferidos por Dom Antonio em momentos marcantes de sua vida episcopal, que se entrelaçam com a história arquidiocesana. Um deles é a saudação feita ao papa João Paulo II, por ocasião de sua vinda a Goiânia, em 1991. A obra pode ser consultada no IPEHBC, que é referência em documentação histórica de Goiás - Rua 233, Qd. 50, n. 141 - Setor Leste Universitário. Informações: 3277-1143.



IMAGEM PEREGRINA DE N. SRA. APARECIDA VISITA NOSSAS PARÓQUIAS

Nesta semana, a imagem peregrina de N. Sra. Aparecida que visita nossa Arquidiocese, marcando os 300 anos de sua aparição, passará pelas seguintes paróquias:

MARÇO

- | | |
|----|--|
| 6 | - Colégio Marista – St. Marista |
| 7 | - Colégio Santa Clara – St. Campinas |
| 8 | - Colégio Santo Agostinho – St. Central |
| 9 | - Colégio Jesus Maria José – St. Faicalville |
| 10 | - Colégio Imaculada Conceição – St. Oeste |
| 11 | - Visitas às Empresas |
| 12 | - Associação Servos de Deus – St. Coimbra |

